60/03/26
O Estado de São Paulo
Suplemento Literário

ULTIMOS LIVROS

Suplemento Literário do O Estado de S. Paulo - 26 - 3 - 1960

O Paraiso Perdido

WILSON MARTINS

Com Visão do Paraiso (1), escreveu o sr. Sergio Buarque de Holanda antes um erudito tratado histórico sobre os motivos edênicos na literatura de viagens do século 16 do que uma analise da influencia e da presença desse tema no descobrimento e colonização do Brasil. Foi essa, aliás, uma critica que lhe fizeram quase todos os examinadores do seu concurso: se os srs. Afonso Arinos e Oliveira França mencionaram a "imprecisão", a "fluidez" do trabalho, o sr. Araujo Pinho referiu-se à "falta de uma ordenação dos assuntos"; o sr. Euripedes Simões de Paula acentuou, de seu lado, "um reduzido conteudo de Historia do Brasil", sendo certo que a natureza deste ensaio exigiria, ao lado do levantamento descritivo, que foi feito, uma pesquisa quanto à repercussão, quanto à "forma mentis" do descobridor, do colonizador ou do simples viajante, provocada ou deformada por tal visão do mundo. Ou, como dizia ainda o sr. Oliveira França, "cumpriria fazer ver até que ponto esta visão teve [illegible] na Historia". Diga-se desde logo que o sr. Sergio Buarque de Holanda, com a probidade intelectual que todos lhe reconhecem, admitiu a "falta de uma sucessiva ordenação dos assuntos", ainda que tivesse recusado a critica da imprecisão. respondendo a um dos examinadores, ele declarou que "uma leitura atenta do trabalho teria mostrado de fato que havia nele uma idéia central que se procurava desenvolver ao longo de todo o texto em varios aspectos, seguida de conclusões que só apareciam com esse nome e numa sequencia nitida justamente porque se pretenderam evitar os conceitos subjetivos que são mais proprios de um ensaio do que de uma tese universitaria" (2).

Qual seria essa "idéia central"? Embora, a não ser no subtitulo do seu livro, o sr. Sergio Buarque de Holanda não a formule explicitamente, pode-se defini-la como a identificação, que logo se formou no espirito do homem quinhentista, da "terra nova descoberta" com o velho mito de um Paraiso Terrestre de que se alimentavam as imaginações da época. O espirito de utopia e o gosto da evasão mental, escrevia René Gonnard, "são, mais ou menos, de todos os tempos, mas sobretudo, sem duvida, dos tempos de civilização avançada". Mas, enquanto na Antiguidade e na Idade Média a idade de ouro e os paises miríficos se situavam, necessariamente, no passado e no imaginario, as grandes descobertas maritimas, pelo que tinham, em si mesmas, de fantastico e de extraordinario, iam dar-lhes, por assim dizer, consistencia e realidade, situá-los no presente e no concreto, colocá-los ao alcance de todos. Assim, "já ao tempo de Colombo", observa o sr. Sergio Buarque de Holanda, "a crença na proximidade do Paraiso Terreal não é apenas uma sugestão metafórica ou uma passageira fantasia, mas uma especie de idéia fixa, que ramificada em numerosos derivados ou variantes acompanha ou precede, quase indefectivelmente, a atividade dos conquistadores nas Indias de Castela" (pag. 17). Ora, o mito do Paraiso físico é uma concepção medieval que se prolonga pela Renascença: as descobertas maritimas têm isso de contraditorio e de paradoxal, que é, por um lado, aluir todo o edificio cosmogônico da Idade Média e, por outro lado, dar-lhe uma especie de existencia material, de confirmação anacronica. Um estudo que mereceria ser feito é o da coexistencia, nos cientistas do século dezesseis, da credulidade mais elementar e de um espírito de grande objetividade: o imaginario e o real não se combatem, mas coabitam, e é justamente dessa singular aliança que nascerá a America. Na verdade, escrevia Lucien Febvre num livro celebre, "personne alors n'avait le sens de l'impossible. La notion de l'impossible".

E' curioso que tenham sido precisamente os portugueses do seculo dezesseis os menos contaminados pelo "gosto da maravilha e do mistério", se eram "homens em quem a tradição costumava primar sobre a invenção, e a credulidade sobre a imaginativa" (pag. 5). O sr. Sergio Buarque de Holanda inicia o seu livro aludindo a um fato que reputo da maior importancia para a compreensão da realidade mental lusitana nos seculos dezesseis e seguintes e que, até hoje, não foi suficientemente estudado: é que, segundo parece, ela refletia "um tipo de mentalidade já arcaizante para sua época, e ainda submissa a padrões longamente ultrapassados pelas tendencias que animam o pensamento dos humanistas e, em verdade, de todo o Renascimento". Essa inclinação arcaizante dominaria todo o pensamento lusitano e, por decorrencia, o brasileiro, durante seculos: já se observou que Portugal se deixou ficar à margem de todo o movimento de idéias dos seculos dezessete e dezoito. Ainda há pouco, no Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros da Bahia, tive ocasião de sugerir, a proposito de uma comunicação do sr. Marcel Bataillon sobre Vieira, que o grande pregador já era, no seu tempo, um homem voltado para o passado, uma inteligencia alienada do seu tempo, mas esse ponto de vista não despertou muito interesse. E' que ele implica numa completa revisão de todas as idéias feitas, da nossa propria "visão" de toda essa época e numa analise minuciosa, no plano comparatistico, a que ainda não se procedeu. Além disso, existe, na historia das idéias e da mentalidade, uma contradição inesperada, posta em evidencia por René Gonnard: é que, ao contrario do que se poderia pensar e do que efetivamente se pensa, a literatura de viagens e de descrições geograficas do seculo dezesseis atém-se a uma extraordinaria objetividade, o pitoresco e o romanesco cedendo lugar ao impacto profundo da propria realidade. Só mais tarde, nos seculos dezessete e dezoito, é que as narrativas de viagens, os livros dos exploradores e dos geografos, diluir-se-ão nos romances de aventuras e perderão, justamente, o carater de livros cientificos que tinham tido no seculo dezesseis. Verifica-se, assim, uma nitida regressão mental, uma perda do territorio conquistado, o que se explica, a meu ver, com a maior facilidade: é que o conhecimento objetivo das novas terras tirou-lhes o carater mitico de que a principio se revestiam, obrigando as imaginações a novamente se refugiar nas utopias exclusivamente mentais.

Isso mostra que o livro do sr. Sergio Buarque de Holanda poderia ganhar com um ordenamento cronologico da materia, seja, por um lado, situando as descobertas maritimas no "clima" espiritual que as precedeu, seja, por outro lado, estudando a evolução dos mitos ao contacto com a realidade. Se Colombo revelou tanta imaginação quanta credulidade, os portugueses demonstraram mais credulidade do que imaginação: "não os inquieta vivamente, ao menos no Brasil", escreve o sr. Sergio Buarque de Holanda a respeito destes ultimos, "a insopitavel esperança de impossiveis que tão frequentemente acompanha, entre outros povos, as empresas de descobrimento e conquista para além das raias do mundo conhecido. São razões menos especulativas, em geral, ou fantasticas, do que propriamente pragmáticas, o que incessantemente inspira aqueles cronistas, ainda quando, em face do espetaculo novo, chegam a diluir-se em extases enamorados. (...) Aquela visão relativamente plácida das terras descobertas que se espelha nas descrições de seus viajantes, já se ressente, por menos que o pareça, de um conservantismo fundamental". Para descobrir a America, foi indispensavel toda a imaginação de Colombo (a que os portugueses, significativamente, não deram crédito); para descobrir o Brasil, foi necessario, apenas, realizar uma navegição de rotina. (Pois há, no seculo dezesseis, uma "rotina dos descobrimentos", tão surpreendente quanto maravilhosa, e que, como tal, ainda não foi analisada). Tanto é assim que, "iniciadores da expansão oceânica", mal se pode dizer da atividade dos portugueses que "veio abrir, por este lado, uma etapa nova nos processos de colonização e conquista (pags 350-352).

Entretanto, esse "tosco realismo", como o chama o sr. Sergio Buarque de Holanda, provocaria profundas transformações mentais em todo o mundo contemporâneo, à exceção, pode-se dizer com algum exagero, do proprio Portugal. E' que os descobrimentos foram obra dos pilotos portugueses, mas a meditação sobre os descobrimentos ocorreu fora de Portugal. Os lusos situaram tacitamente a descoberta do Brasil na linha da Contra-Reforma: espiritualmente, foi um empreendimento jesuitico. Os demais povos, ao contrario, situaram a descoberta da America na linha da Reforma (enquanto se confundiu, nas suas origens, com o Humanismo renascentista). Assim, a descoberta da America e a do Brasil são dois acontecimentos de significação diferente, não apenas no seu espirito, mas, ainda, nas suas consequencias historicas: fatos isolados, como a introdução da imprensa ou a instalação de universidades, nas colonias espanholas, por um lado, e na portuguesa, por outro, poderiam servir para marcar essa diferença de ritmo. O malogro do apostolado calvinista no Brasil enterra uma das suas raizes nessa contradição entre a imaginação e a realidade, entre a imaginação em que viviam os europeus (um realismo como o de Montaigne sendo exemplo isolado, sem que se possa, aliás, ignorar a sua credulidade livresca) e a realidade que vieram encontrar na America. Nesse particular, o Calvinismo perdeu por ser uma religião intelectual, ergotista e escolastica, enquanto a Igreja, que "se via impelida a uma ampla revisão de suas antigas posições, buscando renovar a propria estrutura ideológica de acordo com a imagem do mundo que se começava, pela primeira vez, a descortinar" (pag. 147), beneficiou-se com o "tosco realismo" dos portugueses e encontrou, sem grande dificuldade, a flexibilidade necessaria para a catequese e que provinha do proprio "método" jesuitico.

Um dos aspectos mais impressionantes da indiferença dos portugueses pelas implicações ideologicas das descobertas revela-se num tema a que o sr. Sergio Buarque de Holanda só se refere de passagem e que é, entretanto, um dos mais importantes entre todos os motivos edênicos e o de mais largas repercussões na historia do Ocidente: o mito do Bom Selvagem. A exaltação do indio, escreve ele, "só há de surgir, verdadeiramente, entre autores de lingua portuguesa, e já então por efeito de influencias estranhas e eruditas, no Brasil do século XVIII. De uma época em que, tendo cessado de corresponder para a maioria daqueles autores a uma realidade atual, já estava apto por isso, a converter-se em uma idealidade e em um simbolo: o simbolo de que se hão de valer depois os lusos-brasileiros para se oporem aos portugueses da Europa" (pag. 349). Como o demonstrou René Gonnard, é o seculo dezesseis que dá verdadeiramente corpo à lenda do Bom Selvagem, que está para o selvagem assim como as utopias paradisiacas estavam para a realidade americana. E, coisa curiosa: enquanto os mitos edênicos da natureza entram rapidamente em decomposição, desiludindo, em pouco, as imaginações mais exaltadas, o do Bom Selvagem desenvolve-se, ao contrario, extraordinariamente, adquirindo maior consistencia à medida, mesmo, que serve de tema para especulações filosoficas cada vez mais "coerentes", cada vez mais populares. De Montaigne a Rousseau, do indio brasileiro á Revolução Francesa, como diria o sr. Afonso Arinos, é em torno do Bom Selvagem que se constroem as teorias socialistas: do indio brasileiro a Kruchev em suma, se pensarmos que no socialismo positivo não é pequeno o contingente de socialismo utópico e se lembrarmos que o socialismo positivo coloca no futuro a idade de ouro que o socialismo utópico colocava no passado (ou fora do Tempo, pois em sua concepção essencial o socialismo é ucrônico por excelencia).

Verifica-se, assim, que, a principio, convergem para o Brasil os motivos edênicos, sobretudo os que se referem à natureza propriamente dita, e que o sr. Sergio Buarque de Holanda estudou de forma talvez excessivamente dispersiva: sua analise alarga-se aos motivos edênicos em todo "o mundo que o português criou", perdendo, com isso, um pouco da sua especificidade brasileira. Logo depois, entretanto, assim que se começam a publicar os primeiros relatos de viajantes, o Brasil se transforma num centro de irradiação desses mitos, tanto mais sugestivos quanto mais se perdia de vista a realidade geografica e quanto mais se amenizava o choque emocional da descoberta. Isso explica que o mito que chamariamos "naturalistico" do Paraiso Terrestre — originado nas frutas e nos ares, nos animais e na longevidade, nas maravilhas da natureza e nas doçuras climaticas — seja pouco a pouco substituido pelo mito "sociologico", em que a natureza propriamente dita desaparece por completo e no qual é a organização social o que interessa ao filosofo. Esses dois "tempos" diferentes na historia dos motivos edênicos mereceriam um estudo mais pormenorizado e ninguém estaria melhor capacitado para fazê-lo do que o sr. Sergio Buarque de Holanda. Paralelamente, seria de estudar a evolução mental do colonizador diante da realidade: da carta de Pero Vaz de Caminha, que imagina a catequese como fim essencial da colonização, à exploração comercial da colonia em que afinal a colonização veio a resolver-se, é toda uma degradação do mito a que se assiste, não já o mito edênico, mas o mito espiritual e religioso, aliado a um mito de civilização. Pois, no fundo, o que Caminha desejava e acreditava possivel, como o acreditavam possivel e desejavam possivel os catequistas, era abolir o tempo e, pela conversão dos gentios, trazê-los à idade da civilização ocidental no seculo dezesseis. Em outras palavras: desmentir, no plano espiritual, a descoberta da America.

Daí o carater estatal, dirigido, da colonização do Brasil. Temporal e espiritualmente, o Brasil foi uma criação de Estado: "No Brasil (...) e nas possessões lusitanas, ainda que pareça afrouxar-se, em dadas ocasiões e em certos lugares, como sucede com a criação das capitanias hereditarias, a presença ativa da Coroa faz-se sentir desde que principia a colonização regular. E' ela sobretudo que busca manter aquêle mesmo sistema de povoamento litorâneo, permitindo contacto mais facil e direto com a metrópole e ao mesmo tempo previne, ou chama exclusivamente a si, enquanto tem forças para fazê-lo, as entradas ao sertão, tolhendo, aqui, sobretudo, o arbitrio individual" (pag. 362). E' sensivel o contraste entre o imediatismo realista do governo português e as concepções idilicas que, pela mesma época, o Novo Mundo alimentava na "intelligentsia" européia. Poderiamos encontrar nessa particularidade um dos motivos secretos da especie de malogro que foi a colonização portuguêsa no Brasil: malogro neste sentido de não ter criado um país, de não ter realizado aquela "contemporaneização" que se encontrava implicita na descoberta. A colonia portuguesa da America foi, até os inicios do seculo dezenove, um simples centro de exploração das riquezas naturais, no qual os proprios portugueses perdiam uma parte da cidadania: é inegavel o estado minoritario em que o Brasil (juridicamente português) foi conservado até à vinda da Familia Real. Não há, no processo de colonização, qualquer coisa que se pudesse tomar como a intenção de criar, na America, uma nova sociedade, seja equiparada, em sua "idade" sociologica e politica, à metropole, seja diferenciada dela na linha da sua especificidade caracteristica. Dir-se-ia que, de todos os europeus, foram os portugueses os únicos a não ver e a não sentir o Novo Mundo como um mundo novo, isto é, para citar o sr. Sergio Buarque de Holanda, não apenas como uma terra "novamente descoberta", mas, ainda, como uma terra em que o mundo se renovava e regenerava, em que a civilização parecia restaurar-se a partir da sua edênica virgindade primitiva. Como todos os mitos, os do Paraiso Terrestre desintegraram-se, sem mais demora, ao contacto com a realidade, mas deixaram, no espirito e na historia do Brasil, a presença difusa do milagre, essa "procissão de milagres" que se prolonga pela Independencia e pela Republica (pag. 372) e que até hoje nos conserva nitidamente alheados da realidade e hostis a uma concepção objetiva do mundo.

(1) Sergio Buarque de Holanda — Visão do Paraiso — Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil — Livraria José Olympio Editora — Rio de Janeiro, 1959.

(2) Cf., na "Revista de Historia" (n.o 38, abril-junho 1959, paginas 493 e s.), o apanhado dos debates, pela sra. Myriam Ellis.

(Remessa de livros: Rua Ubaldino do Amaral, 710 - Curitiba)